



FIQUE DE OLHO

- O filme *Besouro azul*, com Bruna Marquezine, está disponível na HBO Max
- *Round 6: o desafio chega* à Netflix na quinta
- Sexta é a vez de o brasileiro assistir *Rio Connection*, coprodução internacional do Globoplay com a Sony, já exibida fora do país



Liga

A série documental original *Resistência negra*, com Djonga e Larissa Luz, estreia amanhã, no Dia da Consciência Negra, no Globoplay. Já no canal aberto, *Histórias Impossíveis* encerra sua temporada com o impactante episódio *Levante* no especial *Falas Negras*, na Globo, após *Todas as flores*.



Desliga

O Globoplay/Multishow não acerta quando se trata de reality show de relacionamento. Depois do pífilo *Túnel do amor*, com Marcos Mion e Ana Clara na apresentação, veio o *Let love*, com Sabrina Sato e João Vicente de Castro. Não deu match.

Globo/Divulgação



Sol (Sheron Menezes) e Ben (Samuel de Assis), protagonistas de *Vai na fé*

Cor da pele, só um detalhe

Este foi um ano histórico para a teledramaturgia brasileira. Pela primeira vez em mais de 50 anos de telenovelas no país, as três produções no ar na Globo trouxeram, ao mesmo tempo, atores negros como protagonistas. Até então, somente em algumas obras espaçadas uns poucos mocinhos ou mocinhas não tinha a pele branca. Casos de *Da cor do pecado* (2004), *Cama de gato* (2009), *Viver a vida* (2009), *Lado a lado* (2012), *Cheias de charme* (2012) e *Babilônia* (2015), por exemplo.

Nesse Olimpo raro, Taís Araújo, Camila Pitanga e Lázaro Ramos eram os únicos representantes da raça em meio a um leque gigante de colegas aptos para ocupar o mesmo destaque. Mas, em 2023, isso mudou, a ponto de nomes como Sheron Menezes e Samuel de Assis, de *Vai na fé*, Diogo Almeida, de *Amor perfeito*, Lucy Alves, de *Travessia*, Bárbara Reis e Paulo Lessa, de *Terra e paixão*, e Késia, de *Elas por elas* pudessem escalar a montanha e atingir o seu topo.

O que é interessante observar nesses trabalhos é que, ao contrário do que se viu durante décadas, a comunidade negra não somente subiu de nível nos créditos das aberturas como também teve os corpos e os perfis adequados à realidade atual — afinal, na vida real, pretos também sentam às mesas de honra e ocupam posições de destaque na cadeia alimentar, ainda que em proporção bem menor, é verdade.

Um exemplo que ilustra essa transformação é o personagem Benjamin (Samuel de Assis), de *Vai na fé*, um advogado bem-sucedido, casado inicialmente com uma mulher branca (Carolina

Dieckmann), que poderia perfeitamente ser interpretado por um ator loiro, ruivo, asiático. A cor da pele e a origem étnica do protagonista não eram uma questão, assim como a do seu par romântico, Sol (Sheron Menezes), uma mulher do povo, mãe de família batalhadora, cujo dilema não estava ligado à sua raça, mas à sua crença religiosa e ao fato de ter sido vítima de estupro.

A obra assinada por Rosane Svartman, exibida às 19h entre janeiro e agosto, caiu no gosto popular. Os protagonistas atraíram a identificação do público e foi o maior êxito do ano. Por sua vez, exibida na faixa anterior com relevante repercussão, *Amor perfeito*, escrita por Duca Rachid e Júlio Fischer, trouxe um protagonista que precisava ser preto para que se justificasse o preconceito que separou o casal interracial apaixonado. Porém, mesmo em uma trama de época, Orlando (Diogo Almeida) exercia uma profissão considerada de maior prestígio na sociedade: era médico. E o Jesus do enredo, interpretado por Jorge Florêncio, ganhou uma tonalidade diferente da que se vê por aí.

Essas novelas são valiosas em diversos aspectos. Primeiro porque mostram que existe uma safra potente de artistas capacitados para encabeçar elencos. Depois, que esses atores e atrizes não devem mais ser somente destinados a papéis de serviço, como empregadas, motoristas e porteiros, ou ligados à marginalidade. Também que, para contar uma boa história, a cor da pele é só um detalhe. E, por fim, colocar a narrativa para ser conduzida por um negro é uma reparação histórica bonita e necessária.